

Como explicar a arte. (Gabriel Borba, Galeria Paulo Figueredo)

(4) Explicar o efeito político-social. (Palestra de 6/11)

O problema do qual tratarei é o da relação entre o artista e a cidade, portanto problema sobre o qual foram derramados rios de tinta. Inúmeras posições face ao problema tem sido assumidas, desde a que proclama no artista a vanguarda da cidade, até a posição que quer vê-lo no artista um porta-voz da cidade, passando pela posição que quer isolar o artista da cidade. De maneira que parece que o problema está esgotado, e que falar sobre ele é cair necessariamente em lugares comuns repisados. Pois quero submeter à sua consideração o seguinte: E se, pelo contrário, tudo que tem sido dito e ruminado sobre o assunto não se aplicar mais à situação atual, por que a cidade não mais é como o era desde o neolítico até há poucos anos? Não seria necessário repensar o problema como se fosse problema totalmente novo? É desta forma que pretendo desenvolver o tema.

Foi repetido muitas vezes que a Primeira revolução industrial representa coisa profunda na história da humanidade. Que a vida do camponês e cidadão do ano 1750 d.C. se parece mais com a vida do camponês e cidadão de 1750 a.C. que com a vida do proletário e burguês de 1850 d.C. Mas se considerarmos a Primeira revolução industrial sob a luz da Segunda revolução, ora em curso, a força do seu impacto empalidece. Constatamos que, apesar das modificações provocadas pelas máquinas, a cidade conserva a sua estrutura fundante. Tal estrutura é esta: Há espaços privados e há um espaço público, casas particulares e praças do mercado. A vida é um vácuo entre o privado e o público, no curso do qual o privado vai sendo publicado, e o público vai sendo privatizado. A casa privada, (inclusive a fábrica e o laboratório), é o lugar da elaboração de informações a serem publicadas. E a praça do mercado é o lugar da troca das informações publicadas, do qual tais informações são trazidas para casa, afim de serem processadas e transformadas em informações novas. A Primeira revolução industrial não afetou tal estrutura fundamental, estabelecida no neolítico, e que imprime sobre a vida a dinâmica da dialética "público-privado". Vive-se no privado em função do público, e no público em função do privado. A ciência infeliz hegeliana é isto.

Pois a Segunda revolução industrial está se preparando para reformular a estrutura da cidade. Está abolindo a distinção entre o público e o privado. E isto está acontecendo por dois métodos convergentes. De um lado o espaço público vai sendo privatizado, do outro lado o espaço privado vai sendo publicizado. A privatização do espaço público se processa pela ocupação de todo espaço público por aparelhos emissores de informações programadas. A publicização dos espaços privados se processa pela invasão de todo espaço privado pelas informações destarte irradiadas. A cidade pós-industrial, a cidade de fios, (wired city), vai abolir a oscilação entre o espaço público e o privado. Vai instalar, no lugar do espaço público e dos espaços privados, rede comunicativa. O cidadão vai passar a ser ponto móvel na rede, sobre o qual vão incidir informações de todo tipo, vindas de aparelhos instalados ~~em~~ toda parte, e a partir do qual vão irradiar informações afim de alimentar os aparelhos. Tal cidade, na qual portas e janelas vão ser substituídas por fios, (possivelmente de vidro), vai reformular a consciência humana. A ciência infeliz hegeliana vai ter sido superada.